

SENTIDOS DO TRABALHO: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS ENTRE ESTELLE MORIN E RICARDO ANTUNES?¹

MEANINGS OF WORK: POSSIBILITIES FOR DIALOGUES BETWEEN ESTELLE MORIN AND RICARDO ANTUNES?

SIGNIFICADOS DEL TRABAJO: ¿POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO ENTRE ESTELLE MORIN Y RICARDO ANTUNES?

Silas Dias Mendes Costa, MSC

Universidade Federal de Minas Gerais/Brazil
silasdiasmendes@gmail.com

Kely César Martins de Paiva, Dra.

Universidade Federal de Minas Gerais/Brazil
kelypaiva@face.ufmg.br

Andrea Leite Rodrigues, Dra.

Universidade de São Paulo/Brazil
andrealeiterodrigues@usp.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é situar historicamente a temática “sentidos do trabalho”, construindo uma síntese teórica e apresentando como se deu sua construção epistemológica a partir de dois autores de destaque na produção brasileira: Estelle Monique Morin e Ricardo Luiz Coltro Antunes. Alguns pesquisadores têm utilizado essas referências como complementares. Questiona-se: é possível construir um diálogo entre as matrizes epistemológicas em que os dois autores estão inseridos? Para essa discussão, utilizou-se a tese da incomensurabilidade dos paradigmas, de Burrell e Morgan (1979), e o Círculo das Matrizes Epistêmicas, de Paes de Paula (2016). O diálogo entre esses autores é epistemologicamente incoerente em virtude da impossibilidade de conciliação entre os interesses cognitivos de cada matriz epistêmica que o autor e a autora constroem em suas abordagens sobre os sentidos do trabalho. Neste sentido, evitam-se interpretações equivocadas e proposições incoerentes de diálogos entre eles, o que representa uma importante orientação para a condução de pesquisas futuras.

Palavras-chave: Sentidos do trabalho; Matrizes epistêmicas; Interesses cognitivos.

ABSTRACT

The objective of this article is to historically situate the theme “meanings of work”, building a theoretical synthesis and presenting how its epistemological construction took place based on two prominent authors in Brazil: Estelle Morin and Ricardo Antunes. Some researchers have used these references as complementary. The question is: is it possible to build a dialogue between the epistemological matrices in which the two authors are inserted? For this discussion, we used the thesis of the incommensurability of paradigms, by Burrell and Morgan (1979) and the Circle of Epistemic Matrices, by Paes de Paula (2016). The dialogue between these authors is epistemologically incoherent due to the impossibility of reconciling the cognitive interests of each epistemic matrix that the author and the author build their approaches to the meanings of the work. In this sense, it avoids misinterpretations and inconsistent propositions of dialogues between them, which represents an important guideline for conducting future research.

Keywords: Meanings of work; Epistemic matrices; Cognitive interests.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es situar históricamente el tema “sentidos del trabajo”, construyendo una síntesis teórica y presentando cómo se llevó a cabo su construcción epistemológica a partir de dos autores destacados en

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Brasil: Estelle Morin y Ricardo Antunes. Algunos investigadores han utilizado estas referencias como complementarias. La pregunta es: ¿es posible construir un diálogo entre las matrices epistemológicas en las que se insertan los dos autores? Para esta discusión utilizamos la tesis de la inconmensurabilidad de los paradigmas, de Burrell y Morgan (1979), y el Círculo de Matrices Epistémicas, de Paes de Paula (2016). El diálogo entre estos autores es epistemológicamente incoherente debido a la imposibilidad de conciliar los intereses cognitivos de cada matriz epistémica que el autor y el autor construyen en sus aproximaciones a los sentidos del trabajo. En este sentido, evita malas interpretaciones y proposiciones inconsistentes de diálogos entre ellos, lo que representa una pauta importante para la realización de investigaciones futuras.

Palabras clave: Sentidos del trabajo; Matrices epistémicas; Intereses cognitivos.

1 INTRODUÇÃO

Ao problematizar um tema em qualquer área do conhecimento, é importante apresentar quais são as bases epistemológicas que orientam sua compreensão e pesquisa. Em primeiro plano, a epistemologia vai indicar ao pesquisador um caminho a ser percorrido, possibilidades teóricas a serem utilizadas e a opção metodológica mais alinhada com as preocupações da pesquisa que se pretende realizar. Com o crescimento da produção acadêmica sobre o tema “sentidos do trabalho”, sínteses teóricas que articulem diferentes teorias sobre esta temática tornam-se relevantes ao passo que o estado da arte sobre o referido tema permite diferentes interpretações, e isso, por vezes, tem resultado em equívocos teóricos e metodológicos.

Os estudos sobre sentidos do trabalho estão dispostos, em sua maioria, nas áreas de psicologia (Lepisto e Pratt, 2017; Martela e Pessi, 2018) e administração (*management*) (Ardichvili e Kuchinke, 2009; Rosso et al., 2010; Müller et al., 2019), entre tantos que se poderia citar. Foge ao escopo deste artigo realizar revisão em campo tão amplo, diverso e profícuo. O propósito principal é lançar luz sobre a produção brasileira que, comumente, coloca em citação obras de autores que se pode reconhecer como pertencentes a duas matrizes epistemológicas bem distintas.

No campo das ciências sociais aplicadas, as discussões sobre os sentidos do trabalho têm se amparado em características individuais das pessoas, aspectos contextuais e em diferentes visões de mundo, não havendo um consenso sobre o entendimento do tema (Ferraz & Fernandes, 2020). Duas matrizes epistemológicas influenciam mais fortemente a produção do conhecimento sobre o assunto: a primeira, funcionalista, que considera ser possível harmonizar os interesses dos trabalhadores e das organizações; e a segunda, a matriz crítica, que trata das dicotomias que perpassam a relação capital-trabalho (Costa; Marques; Ferreira, 2020).

Para se chegar à conclusão das matrizes epistemológicas mais influentes em relação ao tema sentidos do trabalho na produção científica brasileira, tomou-se como referência um levantamento realizado por Ferraz e Fernandes (2020) nas bases de dados dos repositórios *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). As autoras utilizam como critérios de busca as palavras-chave “sentidos do trabalho” e “significados do trabalho”, encontrando um total de 208 artigos publicados entre 2000 e 2017. Todo o material foi catalogado, identificando-se os autores mais citados nas referências desses estudos (Ferraz e Fernandes, 2020).

Os autores considerados expoentes na produção brasileira foram Estelle Monique Morin e Ricardo Luiz Coltro Antunes (Ferraz e Fernandes, 2020). No primeiro caso, a proposta de pesquisa da autora é construída a partir da noção de que a gestão pode se valer da construção do sentido do trabalho como fonte de promoção de saúde mental e, a partir daí, promover ações de bem-estar e *performance* organizacional. Para tanto, cabe

levantar se trabalhadores identificam uma ou mais das seguintes variáveis que são antecedentes ao sentido do trabalho: autonomia, utilidade social, oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento, reconhecimento, cooperação e retidão moral, numa perspectiva positivista-funcionalista (Morin, 2001; Morin, 2008).

No segundo caso, a pesquisa de Antunes (1999) atualiza a história recente do trabalho para depois da crise do fordismo. Além disso, problematiza a relação homem-trabalho numa perspectiva crítica, valendo-se da sociologia do trabalho e da dialética para identificar tensões e contradições dessa relação nas ditas novas formas de organização do trabalho, como a flexibilização, seguida da terceirização, que vieram acompanhadas de um discurso sobre empregabilidade e gestão da própria carreira.

De acordo com Rohm e Lopes (2015), no modelo de trabalho flexível, há uma inevitável contradição, uma vez que o novo perfil profissional exigido — subordinável, ágil e adaptável — demanda profissionais que não possuam um alto grau de envolvimento afetivo na sua relação com o trabalho. Por outro lado, para que os trabalhadores internalizem os objetivos organizacionais, é necessário que se dediquem intensamente e despendam uma forte carga emocional nele. As novas formas de regulação do trabalho, mediante contratos temporários, horário flexível, trabalho *part-time*, redução de jornada e teletrabalho, são práticas que visam agregar valor somente à empresa; o trabalhador fica à deriva na medida em que perde a capacidade de mobilização coletiva, tornando-se solitário (Sennet, 2006).

Em princípio, essas propostas mostram-se antagônicas e reforçam a cisão entre os interesses técnico, prático e emancipatório (Paes de Paula, 2016). No entanto, algumas pesquisas (Spinelli-de-Sá, 2020, outubro; Barleta e Nogueira, 2020, outubro) têm feito o uso de ambas as referências em um mesmo estudo (Ferraz e Fernandes, 2020) como complementares. Neste sentido, a proposta deste artigo é situar historicamente a temática “sentidos do trabalho”, construindo uma síntese teórica e apresentando como se deu sua construção epistemológica a partir de autores localizados em paradigmas distintos. Questiona-se: é possível valer-se da tese da incompletude cognitiva, que propõe desenvolver o conhecimento por meio de abordagens híbridas (Paes de Paula, 2016) e construir um diálogo entre as duas matrizes epistemológicas em que os dois autores mais citados estão inseridos?

Para responder a essa proposição, este artigo foi estruturado em três seções. Nesta primeira, de introdução, apresenta-se a proposta do estudo. Na segunda, discutem-se a tese da incomensurabilidade dos paradigmas, introduzida por Gibson Burrell e Gareth Morgan (1979), e a proposta do Círculo das Matrizes Epistêmicas de Paes de Paula (2016). Na terceira parte, a ideia é apresentar como se deu a construção de modelos teóricos de análise dos “sentidos do trabalho” considerando dois autores basilares sobre o tema: Morin e Antunes. Na quarta, os autores são situados nas matrizes epistêmicas, indicando suas orientações filosóficas e interesses cognitivos. Por fim, são tecidas as considerações finais do estudo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Da incomensurabilidade dos paradigmas ao Círculo das Matrizes Epistêmicas

No âmbito da Administração, as pesquisas que têm trazido discussões acerca de questões epistemológicas se apoiam na obra *Sociological Paradigms and Organisational Analysis*, de autoria de Gibson Burrell e Gareth Morgan, datada de 1979 (Paes de Paula, 2016). Apesar de ser considerado um dos textos mais

influentes da teoria organizacional, a obra tem sido pouco lida (Paes de Paula, 2015). Burrell e Morgan discutem a tese da incomensurabilidade e a “guerra paradigmática” em torno de um campo do conhecimento segmentado por um conjunto de paradigmas (Nogueira e Favoreto, 2017).

Os autores respaldam seu argumento na lógica explicativa kuhniana, que considera que as revoluções científicas permitem o surgimento de novos paradigmas na medida em que as incomensurabilidades entre eles sejam superadas (Paes de Paula, 2016). Em seu quadro de referência, Burrell e Morgan (1979) sugerem uma rivalidade paradigmática que resultaria em incomensurabilidades. O cerne dessa questão parte da premissa de “que as teorias que se baseiam em paradigmas distintos representam mundos distintos e, além disso, que esses mundos não podem ser comparados entre si” (Tossato, 2012, p. 491), gerando fragmentação e disputas na produção do conhecimento, daí o termo “guerra paradigmática”.

São duas as dimensões representadas no diagrama de Burrell e Morgan: a sociologia da regulação e a sociologia da mudança radical. Elas são perpassadas pela contraposição entre uma abordagem pautada na objetividade (que se apresenta como realista, positivista, determinista e nomotética) e outra abordagem pautada na subjetividade (nominalista, antipositivista, voluntarista e idiográfica), que tem como resultado quatro paradigmas: o funcionalismo, o interpretativismo, o estruturalismo radical e o humanismo radical. Sua proposição deu-se com base no debate ontológico, epistemológico, da natureza humana e no debate metodológico (Paes de Paula, 2016), como apresentado na figura 1.

Figura 1 - Quatro paradigmas para a análise da teoria social



Fonte: Burrell e Morgan (1979, p. 22).

Burrell e Morgan descreveram os paradigmas que compõem o diagrama gerando debates em torno da ideia de incomensurabilidade, que diz respeito à necessidade de o pesquisador escolher um deles para posicionar-se em sua pesquisa. É neste sentido que eles recebem críticas; a proposta polariza os pesquisadores a partir de suas escolhas, o que resulta na impossibilidade de consenso e na manutenção da lógica explicativa kuhniana para o desenvolvimento do conhecimento (Paes de Paula, 2016). Um caminho alternativo, denominado Círculo das Matrizes Epistêmicas, é proposto por Paes de Paula (2016) como forma de construir possíveis diálogos entre os paradigmas (Nogueira e Favoreto, 2017).

Note-se que o trabalho de Burrell e Morgan (1979) sofreu muitas críticas ao longo do tempo, entre elas, as de Hassard (1991) que propôs a “pesquisa de múltiplos paradigmas”. A guerra de paradigmas, suscitada pela obra de Burrell e Morgan (1979), parece não oferecer esteio suficiente para avançar o conhecimento, sendo um fim último de qualquer estudo científico. De acordo com Paes de Paula (2016, p. 30), “qualquer proposta alternativa ao diagrama de paradigmas sociológicos de Gibson Burrell e Gareth Morgan baseada na concorrência entre polarizações que justifiquem incomensurabilidades [...] é incapaz de resolver nossos dilemas, pois na verdade só faz aprofundá-los”. A autora sugere ainda que modelos embasados na lógica kuhniana parecem ser pouco contributivos para os estudos organizacionais. Um caminho alternativo, apontado por Paes de Paula (2016), seria a proposta habermasiana contida em *Conhecimento e interesse*, que permite conceber um novo referencial: o Círculo das Matrizes Epistêmicas (Nogueira e Favoreto, 2017).

A concepção do Círculo das Matrizes Epistêmicas valeu-se de contribuições apresentadas por Michael Hill, no artigo intitulado “Epistemology, Axiology, and Ideology”, datado de 1984, no qual o autor se posiciona sugerindo que nas ciências sociais haveria diferentes sistemas de produção do conhecimento e, assim, não haveria paradigmas. Desta forma, o conhecimento produzido tem sua origem em questões epistêmicas, axiológicas e ideológicas e não se limitaria quanto às possibilidades de criação e proposição dos sistemas de produção de saberes que envolvem visões de mundo metacientíficas, metodologias e teorias (Paes de Paula, 2016).

Para Paes de Paula (2016, p. 34), “há muitas possibilidades de construção de novos sistemas de conhecimento, pois Michael Hill defende que não há limite quanto à quantidade deles que pode ser inventada ou proposta”. A autora acrescenta que tal afirmação é provocativa, pois “nos leva a pensar que insistimos em um repertório restrito de sistemas de produção de conhecimento, quando poderíamos exercitar nossa criatividade epistemológica e criar novos caminhos para o desenvolvimento do conhecimento sociológico e organizacional” (Paes de Paula, 2016, p. 34). Assim, as matrizes do referido Círculo são pontos de referência para possíveis reconstruções de saberes, como exibido na figura 2.

Figura 2 - Círculo das Matrizes Epistêmicas, abordagens sociológicas, teorias e metodologias



Fonte: Paes de Paula (2016, p. 35).

Segundo a autora, no Círculo das Matrizes Epistêmicas, “as abordagens sociológicas produzem suas teorias e metodologias, e se orientam de acordo com três matrizes epistêmicas, que se inspiram em uma filosofia e lógica de pensamento particulares” (Paes de Paula, 2016, p. 35). Essa explicação sugere a relevância do posicionamento epistemológico nas pesquisas, tendo como referência as abordagens sociológicas. Essa escolha implica um posicionamento que pode orientar o pesquisador na produção da teoria, na escolha metodológica mais coerente para a investigação, conforme sua inclinação e seu interesse pessoal, bem como na problematização que delinea.

Esses pontos sustentam-se em três matrizes: matriz empírico-analítica, matriz hermenêutica e matriz crítica (Paes de Paula, 2016). Em referência a Habermas (1968/1982), a autora descreve que cada uma dessas matrizes se refere a um marco epistemológico e se movimenta a partir de determinado domínio político considerando que “a filosofia e lógica que instruem as matrizes do círculo das matrizes epistêmicas não são determinadoras das abordagens sociológicas, mas sim pontos de referência para reconstruções racionais possíveis de serem formuladas e também questionadas” (Paes de Paula, 2016, p. 34).

Tal como observado na figura 2, a representação da proposta é feita por meio de um círculo, diferenciando-se da representação de Burrell e Morgan (1979), que usaram como recurso visual um quadrado compartimentado em quatro paradigmas que ocupam posições antagônicas (figura 1). Essas matrizes têm a função de servir como referência para a produção do conhecimento e não como campos de atuação da ciência. Assim, os interesses cognitivos (técnico, prático e emancipatório) associados a cada uma das matrizes poderiam ser considerados conjuntamente, numa tentativa de conciliação entre eles a partir de suas fronteiras (Paes de Paula, 2016).

Essa conciliação se torna possível por meio da interdependência desses interesses para se interpretar fenômenos sociais e para construção do conhecimento. A conexão entre os interesses cognitivos é notável quando se observa que o trabalho fornece informações que dão amplitude ao poder de disposição técnica, a interpretação permite que se tenha uma orientação sob tradições comuns e a análise crítica pode suscitar uma consciência que leve à emancipação (Habermas, 2014). O quadro 1 situa cada um dos interesses cognitivos a partir das matrizes epistêmicas propostas por Paes de Paula (2016), considerando sua orientação filosófica.

Quadro 1 - Matrizes epistêmicas, orientações filosóficas e interesse cognitivo

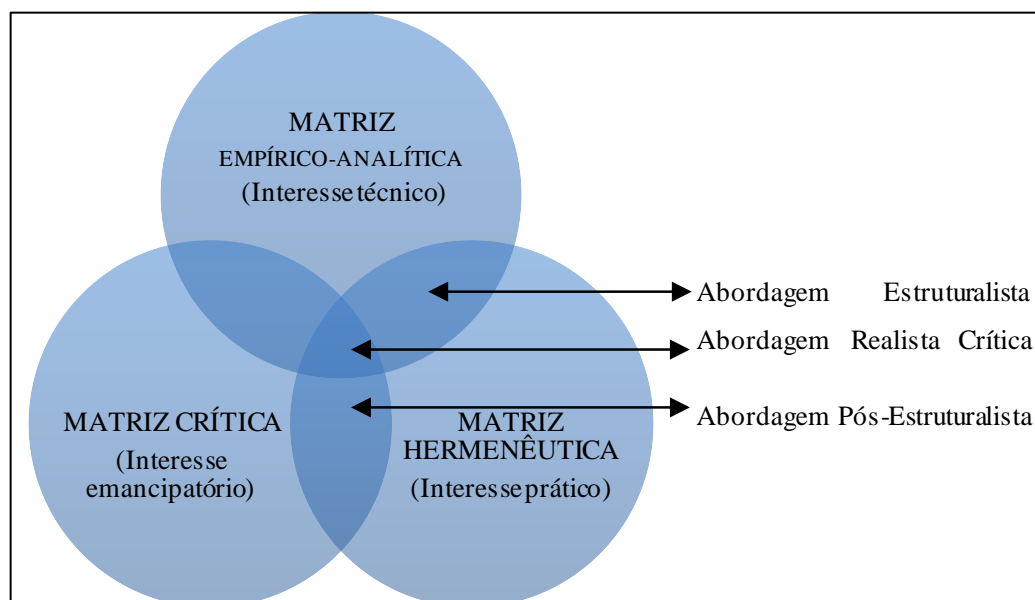
Matriz	Orientação filosófica	Interesse
Empírico-analítica	Filosofia positivista e lógica formal	As ciências empírico-analíticas são dirigidas pelo interesse técnico e geram conhecimento para possibilitar a predição e o controle dos fatos sociais
Hermenêutica	Filosofia hermenêutica e lógica interpretativista	As ciências hermenêuticas, que são orientadas pelo interesse prático, buscam a compreensão social por meio da comunicação e interpretação
Crítica	Filosofia negativa e lógica dialética	As ciências críticas, que são motivadas pelo interesse emancipatório, voltando-se para a transformação social

Fonte: Baseado em Paes de Paula (2016).

A conciliação desses interesses seria possível por meio de interconexões entre as matrizes. Paes de Paula (2016, p. 38) afirma que “em cada uma das matrizes epistêmicas existe o reflexo da outra”, tal como em Habermas (2014). O Círculo das Matrizes Epistêmicas reapresenta possibilidades de intersecções haja vista que “a matriz empírico-analítica no limite busca o interesse prático, a matriz hermenêutica faz fronteira com o

interesse emancipatório e a matriz crítica, em sua tentativa de atingir a práxis, procura se reconciliar com o interesse técnico”. Ao invés de trabalhar com abordagens sociológicas puras, seria possível estabelecer teorias e metodologias de fronteiras, assim como demonstra a figura 3.

Figura 3 - As interconexões geradas pelas abordagens estruturalista, pós-estruturalista e realista crítica: abordagens sociológicas híbridas



Fonte: Paes de Paula (2016, p. 43).

É nas interconexões entre as matrizes que se pode observar a incompletude de cada uma delas. Ao invés de reforçar que elas não se comunicam, abre-se espaço para uma nova teoria do desenvolvimento do conhecimento. Contudo, as possibilidades de diálogos entre as matrizes precisam ser empiricamente avaliadas para que fiquem mais evidentes, uma vez que o Círculo das Matrizes Epistêmicas também apresenta limitações (Paes de Paula, 2016). É neste sentido que a reflexão apresentada neste artigo foi estruturada: situar epistemologicamente modelos teóricos de análise sobre o tema “sentidos do trabalho” a partir das pesquisas de Morin e Antunes, verificando a possibilidade, ou não, de diálogo entre as abordagens dos autores.

Tem sido recorrente nos encontros da área de Administração a discussão sobre o uso equivocado desses autores como complementares, como se pode observar em algumas pesquisas (Spinelli-de-Sá, 2020; Barleta e Nogueira, 2020). A proposta de situá-los epistemologicamente pode servir como orientação para pesquisadores entusiastas sobre o tema focalizado. O intuito não é atribuir o privilégio da virtude a uma ou outro, mas delimitar seus interesses cognitivos, considerando as matrizes epistêmicas em que estão inseridos. A localização filosófico-epistêmica do tema “sentidos do trabalho” pode direcionar as discussões teóricas, seleção mais apropriada e ampliada de autores e delineamento de problemas e pesquisas, bem como indicar opções metodológicas a serem utilizadas em agendas de estudos futuros.

2.2 Os “sentidos do trabalho” para Morin e Antunes

Para compreender o posicionamento epistemológico e interesses cognitivos que orientam os estudos de Morin e de Antunes, serão apresentados os pressupostos utilizados por cada um deles em suas pesquisas. Diante da possibilidade de diálogo entre os paradigmas, a busca pelas definições elementares daquilo que se entende acerca do tema “sentidos do trabalho” permite evitar interpretações equivocadas, além de contribuir para que a escolha de autores a serem utilizados em uma mesma pesquisa tenha coerência. Assim, nas próximas sessões serão apresentados alguns estudos que permitem clarificar o posicionamento de Morin e de Antunes.

2.2.1 A discussão sobre os “sentidos do trabalho” na obra de Estelle Morin

Um recurso que permite posicionar a autora no Círculo das Matrizes Epistêmicas é a apresentação de alguns episódios históricos do campo da Administração. Quando se pensa na evolução de uma disciplina para um campo ou área que se institucionalizou, num primeiro plano, destacam-se as ideias progressistas presentes na forma de organização taylorista/fordista, no início do século passado. Os fundamentos da administração científica estabeleceram novos padrões sobre o trabalho na tentativa de consagrar métodos considerados mais adequados, que melhorassem a qualidade e a produtividade dos trabalhadores (Taylor, 2004).

A racionalização do trabalho, em certa medida, relegava suas implicações em relação ao bem-estar dos trabalhadores e, por conta disso, passou a ser alvo de críticas, inclusive propostas de ressignificação da relação homem-trabalho, o que permitiu que se introduzisse no contexto das organizações a concepção de relações humanas. A teoria das relações humanas reestabeleceu um novo paradigma ao trabalho, flexibilizando conceitos mecanicistas da Teoria Clássica, revelando a importância de considerar os fatores sociais que poderiam influenciar uma situação de trabalho e indicando que melhores condições de trabalho poderiam inspirar os trabalhadores a terem um sentido para irem ao trabalho (Mayo, 1959).

Os pressupostos presentes na corrente funcionalista de autores que discutem os sentidos do trabalho, entre eles Morin, são oriundos também dos estudos de Mayo (1959), que problematizam o trabalho considerando que os interesses entre trabalhadores e proprietários dos meios de produção podem ser conciliáveis. Os sentidos são constituídos a partir dessa combinação, e mesmo que as pessoas ganhem notoriedade no seu ambiente de trabalho, é importante ponderar que essa nova proposta permanece circunscrita dentro de um modelo produtivista. Em meio a essa discussão, emergem também questões relacionadas à motivação e ao comportamento humano, como nos trabalhos de Maslow (1943/1989).

Mais tarde, as contribuições de autores como Hackman e Lawler (1971), com a teoria *Job Characteristics*, focalizam como as condições do trabalho podem repercutir na motivação e no comportamento dos trabalhadores nas organizações. Essas discussões são aprofundadas por Hackman e Oldham (1975) sob o prisma da tarefa. De acordo com os autores, o trabalho pode ser representado por cinco dimensões principais: a variabilidade das tarefas, a identidade das tarefas, sua importância, a autonomia de quem as realiza e o *feedback* que o trabalho em si proporciona ao trabalhador (Hackman e Oldham, 1975).

Hackman e Oldham (1975) incluíram outras duas dimensões para compreender melhor o trabalho: o *feedback* dado pela supervisão e o inter-relacionamento, que diz respeito ao grau em que o trabalho exige colaboração para realização das atividades. Esse modelo considera ainda o que os autores conceituam como

estados psicológicos críticos, que compreendem a percepção do significado do trabalho (importância, significado e valor), a percepção em relação à responsabilidade por resultados e o conhecimento sobre os próprios resultados. Tais fatores poderiam levar à satisfação geral com o trabalho, à motivação interna, e implicar resultados pessoais e do trabalho (Hackman e Oldham, 1975).

Ao revisitar os trabalhos de Morin (1997, 2001, 2002, 2008), além da influência de pressupostos funcionalistas discutidos pelos autores mencionados anteriormente, nota-se a inspiração da autora nos estudos do grupo MOW (Meaning of Work International Research Team). O assunto trabalho ganha relevância quando se considera que a eficácia, qualidade e produtividade do trabalhador estão associadas com o sentido que ele atribui ao seu trabalho. As pesquisas realizadas pelo MOW sugerem que, se as organizações fragmentarem o trabalho ao ponto em que ele se torna esvaziado de sentido, é provável que se perca a fonte de motivação das pessoas (Akin e Larrie, 1988).

Tendo como referência as diferentes teorias que Morin associa nas suas pesquisas, pode-se considerar que os trabalhos da autora se posicionam na matriz empírico-analítica do modelo proposto por Paes de Paula (2016). Morin se propõe a estudar o ambiente de trabalho como um espaço que demanda cuidados com o bem-estar dos trabalhadores, relacionando esse bem-estar ao fato de que as pessoas necessitam ter sentido naquilo que fazem. Para a autora, “no momento em que os administradores sonham em fazer mudanças nas atividades do trabalho, deveriam projetar meios para revalorizar o trabalho e lhe dar um sentido” (Morin, 2001, p. 18).

Seu modelo teórico foi originalmente concebido e é amplamente utilizado em pesquisas com gestores (Morin, 2001), tendo sido testado e adaptado para profissionais da saúde (Rodrigues, Barrichello e Morin, 2016), professores (Villas-Boas e Morin, 2016), peritos criminais (Rodrigues et al., 2017), entre outras categorias de trabalhadores (Costa et al., 2020). São pessoas que de alguma maneira estão relacionadas com o mundo do trabalho, por isso há coerência em considerar a possibilidade de harmonia entre os valores individuais e os valores das organizações, relacionando aspectos como variedade e desafio, aprendizagem contínua, margem de autonomia, reconhecimento e apoio e o sentido relacionado com uma contribuição social (Morin, 2008).

A autora busca conciliar, por meio dos processos de transformações organizacionais, oportunidades para melhorar a qualidade de vida no trabalho para o trabalhador e aumentar a eficácia organizacional, que deve ser entendida para além dos valores econômicos, recorrendo-se a valores sociais, morais e espirituais, articulando diferentes elementos que caracterizem os sentidos do trabalho (Morin, 2001). Posteriormente, Morin (2008) apresentou um modelo com seis variáveis que antecedem os sentidos do trabalho: autonomia, aprendizagem, propósito social do trabalho, retidão moral, cooperação entre pares e reconhecimento.

Resgatando-se o argumento de que a epistemologia orienta as escolhas teóricas e metodológicas, observa-se então que a produção do conhecimento sobre os sentidos do trabalho baseada em Morin é orientada pela filosofia positivista, usa a lógica formal e tem preferência pelo interesse técnico, aplicável, pragmático. Nestes termos, o conhecimento sobre o tema possibilita que se estabeleça e explique relações causais a partir de critérios científicos, abrindo espaço para a predição e controle dos fatos sociais. Morin não se propõe a problematizar as contradições presentes na relação dialética homem-trabalho, ao contrário, ela considera a possibilidade de conciliar interesses entre indivíduo e organização. Essa preferência é diferente em Antunes, como se discute adiante.

2.2.2 A discussão sobre os “sentidos do trabalho” em Ricardo Antunes

Ao tratar dos “sentidos do trabalho”, Antunes percorre outro caminho e problematiza as transformações sociais na esfera material e subjetiva que têm repercutido na sociabilidade humana. Entre essas transformações estão o desemprego estrutural, as condições precárias de trabalho e a degradação da natureza que é provocada, sobretudo, por conta da produção de mercadorias a serviço do capital (Antunes, 1999). Enquanto para Morin os estudos sobre sentidos do trabalho consideram a possibilidade de conciliar interesses entre trabalhadores e as organizações, para Antunes (1999, 2006), o ponto crítico do debate parte das dicotomias inerentes à relação capital-trabalho e do modo de produção social do capital.

A produção do capital é discutida pelo autor com base em pressupostos centenários de Marx (2013), compreendendo-se que o binômio taylorista/fordista intensificou a exploração ao passo que diminuiu o tempo de realização das tarefas e aumentou o ritmo de trabalho. O trabalho é reduzido a um conjunto de atividades fragmentadas, extraindo-se do trabalhador a mais-valia e suprimindo o aspecto intelectual do trabalho, que foi sendo sucumbido pela gerência científica. Para Antunes (1999, p. 41), “o taylorismo/fordismo realizava uma expropriação intensificada do operário-massa, destituindo-o de qualquer participação na organização de trabalho, que se resumia a uma atividade repetitiva e desprovida de sentido”.

Como a venda da mão de obra tem se tornado cada vez mais imperativa, o trabalho tem perdido sua relevância como elemento estruturante da sociedade (Antunes e Alves, 2004). Desta forma, Antunes (1999) apresenta a tese de que, para o capital, o trabalho estável é cada vez menos necessário e, assim, são criadas diferentes formas de trabalho que intensificam a extração do sobretrabalho, a exemplo do trabalho parcial e terceirizado, utilizados para fortalecer o processo de produção capitalista. Essa articulação em prol do capital traz à tona a ideia de descentralização da categoria trabalho de forma heterogênea e complexa, envolvendo a classe trabalhadora e a fragmentação do trabalho (Antunes e Alves, 2004).

O trabalho é compreendido como um elemento que intermedeia duas esferas da vida, a da necessidade e a da realização, constituindo-se como um referencial ontológico da práxis social. Para discutir a centralidade do trabalho na ontologia do ser social, Antunes (1999, p. 139) recorre aos conceitos de Lukács afirmando que “o trabalho se torna suficientemente social, passando a depender da cooperação entre muitas pessoas; isso independentemente do fato de que já tenha emergido o problema do valor de troca ou se a cooperação é ainda orientada apenas para a produção de valores de uso”, portanto, a práxis social tem como ponto de partida o ato laborativo.

Em uma de suas obras, cujo título é “Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho”, o autor trata, entre outras coisas, da prevalência da lógica do capital, da produção destrutiva, da desrealização da liberdade, da crise contemporânea e das metamorfoses no mundo do trabalho, criticando a tese habermasiana de que a ciência seria a principal força produtiva e atuaria como substituta do valor-trabalho. Para Antunes (2006), essa concepção não levaria em conta as interações entre o trabalho vivo e os avanços tecnológicos e científicos em face das condições do desenvolvimento do capital. Assim, a ciência seria tolhida por meio da relação capital-trabalho.

Nesse percurso, Antunes (1999) idealiza uma nova lógica social priorizando a produção de valores de uso, de coisas socialmente úteis, e não valores de troca pautados na lógica do mercado. O trabalho social envolveria uma dimensão mais humanizada e societária, ganhando um sentido de autoatividade. Ao analisarem

os argumentos do autor, Ferraz e Fernandes (2020, p. 172) indicam que não se pode falar sobre os sentidos do trabalho considerando a lógica do capital, pois “tanto as atividades desenvolvidas sob a relação de trabalho assalariado quanto aquelas desenvolvidas no tempo livre são repletas de ‘sentidos estranhados’ e, portanto, não produzem o desenvolvimento omnilateral da humanidade”.

O termo omnilateral é cunhado por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844. Ao retomar o contexto em que esta palavra está situada, o entendimento marxiano de omnilateralidade consiste na explicação da constituição do humano. É neste sentido que a ação do homem por meio do trabalho é transformadora em relação à natureza e envolve vontade e consciência. Quando submetida à propriedade privada e à alienação pelo capital, a formação humana tende a empobrecer-se, tornando-se unilateral, ou seja, limitando os indivíduos a funções relacionadas com seu lugar na produção da vida (Della Fonte, 2014).

Nas pesquisas que tomam como referência os argumentos teóricos de Antunes, a concepção sobre o mundo do trabalho e os sentidos produzidos por meio dele remetem, essencialmente, ao pensamento marxiano e à crítica ao modelo de produção capitalista, tencionando a relação trabalho-capital e desvelando suas contradições. Pesquisas como as realizadas por Góes e Souza (2015), Mello, Marçal e Fonsêca (2009) e Ferraz e Fernandes (2020) partem dessa concepção sobre os sentidos do trabalho e, para isso, comungam da crítica à eficiência organizacional uma vez que entendem que esse processo tornaria o trabalho mais eficiente para o capital, objetivando a subjetividade humana.

Portanto, em Antunes (1999, 2006), os sentidos do trabalho constituem-se quando o trabalho é uma autoatividade com um fim voltado a si próprio, o que, na visão do autor, não é possível de se fazer em uma sociedade capitalista já que o trabalho assalariado não tem sentido para a autorrealização humana. Questiona-se a prioridade ontológica do trabalho, a sua essencialidade na constituição social e humana (Fortes, 2016), a separação entre o trabalhador — que é reduzido à sua força de trabalho — e os meios de produção, que se apropriam dessa força e fazem do trabalhador uma propriedade privada, convertendo o trabalho em trabalho alienado (Garcia e Moreira, 2020).

Com base na construção epistemológica dos sentidos do trabalho nos moldes anteriores, observa-se que a problematização do tema baseada em Antunes tem orientação da filosofia negativa e da lógica dialética, que busca compreender os fenômenos sociais de uma maneira mais ampla, observando a estrutura contraditória do real. A teoria crítica recorre à economia política e ao economismo prático — quando o fator econômico é demasiadamente restritivo — colocando-se numa posição antagônica às ilusões de harmonia do liberalismo (Adorno, 1996). Neste sentido, as pesquisas do autor estão circunscritas na matriz crítica e suas proposições têm interesse emancipatório, ou seja, almejam a transformação social.

3 SITUANDO OS AUTORES: MATRIZES EPISTÊMICAS, ORIENTAÇÕES FILOSÓFICAS E INTERESSES COGNITIVOS

A proposta deste artigo fundamenta-se em situar historicamente a temática “sentidos do trabalho”, construindo uma síntese teórica e apresentando como se deu sua construção epistemológica a partir de autores localizados em paradigmas distintos: Morin e Antunes. No primeiro caso, os estudos sobre sentidos do trabalho em Morin pautam-se em pressupostos postulados por teorias oriundas da psicologia positiva (Mayo, 1959; Maslow, 1943, 1989), que buscam ressignificar a relação homem-trabalho, ampliando a concepção do

trabalhador ante a administração científica (Taylor, 2004). A compreensão sobre o trabalho ganha novos contornos quando se observa que as tarefas (sua importância, valor e significado) podem ampliar a percepção do significado do trabalho (Hackman e Oldham, 1975).

Diferentemente da autora, Antunes comunga de pressupostos do marxismo e se debruça sobre a categoria trabalho problematizando o contexto capitalista que, na visão do autor, coloca os trabalhadores numa posição de servidão, fragmentando-os e extraindo deles a mais-valia (Antunes, 1999, 2006; Antunes e Alves, 2004). Neste sentido, o trabalho é tido como um referencial ontológico, mas diante da lógica capitalista os trabalhadores têm experimentado desrealização da liberdade e múltiplas formas de precarização, entre as quais estão o processo de terceirização e a criação de ocupações nas quais o trabalho é realizado em tempo parcial (Antunes, 1999; Fortes, 2016; Garcia e Moreira, 2020).

No quadro 2 serão apresentadas sínteses dos aspectos conceituais que permitem situar os autores nas matrizes epistêmicas, indicando suas orientações filosóficas e interesses cognitivos.

Quadro 2 - Situando Morin e Antunes no Círculo das Matrizes Epistêmicas, de Paes de Paula (2016)

Autores	Posicionamentos epistemológicos	Orientações filosóficas	Interesses cognitivos
Estelle Morin	Entende o trabalho como uma parte da vida humana, a qual carece de sentido para viabilizar a saúde mental do sujeito. Vislumbra a conciliação de interesses entre o trabalhador e o capital. Situa-se na matriz empírico-analítica.	A compreensão dos sentidos do trabalho é orientada pela filosofia positivista e pela lógica formal, buscando explicações sobre o comportamento dos indivíduos no ambiente de trabalho.	O tema é analisado a partir de interesses técnicos que permitem a produção de conhecimento dentro de uma lógica de controle e predição dos fatos sociais. Valorizam-se o bem-estar e a produtividade.
Ricardo Antunes	Entende o trabalho com sentido para além do capital. A submissão do trabalhador à propriedade privada o torna alienado, limitando-o a desempenhar funções. Situa-se na matriz crítica.	A filosofia e a lógica dialética orientam a compreensão do mundo a partir de suas contradições e complexidades, atentando-se para o contexto histórico, político e econômico.	A transformação social é o ponto central da análise. Valoriza-se o interesse emancipatório dos trabalhadores em relação ao capitalismo.

Fonte: Elaboração própria.

Tomando como referência o quadro anterior, entende-se que, apesar da possibilidade de construção de novos sistemas de conhecimento a partir dos pontos de referência do Círculo das Matrizes Epistêmicas (Paes de Paula, 2016), a conciliação teórica entre Morin e Antunes para se discutir os sentidos do trabalho mostra-se epistemologicamente incoerente, portanto, inviável. Isso não invalida outras possibilidades de reconstrução de saberes tal como propôs Paes de Paula (2016). Contudo, neste caso específico, não é possível fazê-lo por meio destes dois autores, haja vista que as orientações filosóficas e os interesses cognitivos destes não apresentam pontos de convergência.

Se, por um lado, há a possibilidade de os sentidos dos trabalhos serem constituídos pelos trabalhadores que estão submetidos à lógica capitalista, desde que eles tenham alguma margem de autonomia, variedade de tarefas e desafios, oportunidade de aprendizagem, reconhecimento e que percebam o trabalho como uma contribuição social (Morin, 2008), por outro, o modo de organização do capital sucumbe o lado humanizado dos trabalhadores, limita a capacidade de desenvolvimento humano e objetiva a manutenção do modelo de produção vigente, logo, não tem sentido enquanto autorrealização humana (Antunes, 1999; Ferraz e Fernandes, 2020).

Talvez, um caminho conciliatório para tratar dos sentidos do trabalho seja por meio da abordagem realista crítica, que intersecciona elementos da matriz empírico-analítica, da matriz crítica e da matriz hermenêutica. Uma segunda possibilidade é a abordagem estruturalista (matriz empírico-analítica e matriz hermenêutica) e uma terceira alternativa se dá por meio da abordagem pós-estruturalista (matriz hermenêutica e matriz crítica). Essas são possibilidades de reconstruir os saberes acerca desse tema, mas em todas elas seriam demandados outros percursos teóricos, que não fossem via Morin ou Antunes. Questões metodológicas também merecem atenção, uma vez que as abordagens tanto psicológicas quanto sociológicas orientam teorias e metodologias.

Portanto, as discussões apresentadas por Morin e Antunes não são mais nem menos “virtuosas” quando comparadas entre si. Uma proposição não é melhor que a outra, cada uma tem suas próprias limitações e carrega consigo diferentes interesses cognitivos. Antes de qualquer coisa, é preciso que se tenha coerência entre a categoria de trabalho a ser analisada, a problemática que envolve a pesquisa, a teoria e a metodologia a serem utilizadas, de modo coerente e consistente. Portanto, não se trata de aprisionar as contribuições teóricas e, portanto, os próprios autores, Estelle Morin e Ricardo Antunes, em um ou outro quadrado do diagrama de Burrell e Morgan, mas de respeitar o que cada um deles propõe para suas pesquisas, afinal, são formas diferentes de compreender e analisar o mesmo assunto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de analisar o que se considera um equívoco metodológico na produção brasileira sobre “sentidos do trabalho”. Trata-se de colocar em conjunto as obras dos autores Estelle Monique Morin e Ricardo Luiz Antunes, como autores-chave de seus quadros teóricos. Consideram-se as matrizes epistêmicas nas quais estão inseridos, seus pressupostos filosóficos e interesses cognitivos. Para isso, discutiu-se sobre a tese da incomensurabilidade dos paradigmas e a proposição do Círculo das Matrizes Epistêmicas. Assim, foi possível pensar nas abordagens puras e nas abordagens híbridas, situando os autores no primeiro caso, indicando suas diferenças filosófico-epistêmicas e sugerindo possibilidades de novos estudos sobre os sentidos do trabalho a partir das abordagens híbridas (estruturalista, pós-estruturalista e realista crítica).

O resultado das reflexões apresentadas e das análises realizadas culminou em um quadro sintético com as principais características dos dois autores tomados como referência nos estudos sobre sentidos do trabalho. É importante recuperar e situar epistemologicamente tal temática dentro dessas duas possibilidades de pesquisa, sobretudo para evitar diálogos teóricos imperfeitos, interpretações equivocadas e proposições incoerentes de diálogos entre os autores em uma mesma pesquisa. Faz-se necessário destacar que, mesmo diante das possibilidades de diálogo entre as abordagens, no caso do tema focalizado, sentidos do trabalho, não é possível construí-las por meio da conjunção das obras de Morin e Antunes.

Ainda que ambos tratem de “sentidos do trabalho”, referem-se a ontologias, epistemes e métodos bastante distintos. Começando pelo fato de que a autora canadense se situa na psicologia positiva, buscando formas para que a gestão possa promover a saúde mental e, conseqüentemente, maior performance organizacional. Por outro lado, o autor brasileiro coloca-se deliberadamente na sociologia do trabalho de matriz marxista, revelando os modos como o capital máscara as formas de dominação tratando-as como novas formas de empregabilidade.

Por vezes, críticas têm sido feitas a possíveis formas de se analisar os sentidos do trabalho, seja na proposta funcional de Morin ou na proposta crítica de Antunes. Recomenda-se cautela em ambos os casos. Em primeiro plano, cabe compreender as proposições de um e do outro para evitar que se incorra em equívocos e críticas fundadas em questões não postas por eles. São lentes teóricas diferentes sob as quais o mesmo fenômeno é posto e analisado, logo, uma não poderia ser considerada melhor ou pior que a outra. Não é uma questão de julgamento de valor. E, em alguns casos, é possível conciliar os interesses cognitivos por meio das abordagens híbridas, o que não se aplica ao caso de Morin e Antunes.

Conclui-se que o objetivo proposto foi alcançado por meio das discussões aqui apresentadas. Considera-se que, mesmo diante de suas limitações, entre elas, não situarem epistemologicamente outros autores que versam sobre o tema, este trabalho tem relevância dados o ineditismo da sua proposta e o formato do seu conteúdo, que pode fornecer orientações importantes para a condução de pesquisas futuras. Com isso, abre-se espaço para uma agenda de estudos que contemplem, por exemplo, alternativas de pesquisas vinculadas às abordagens híbridas (estruturalista, pós-estruturalista e realista crítica) e estudos que apresentem o crescimento da produção no tema, revisitando e discutindo a qualidade dessa produção. Além disso, esta reflexão abre espaço para discussão de outras temáticas que padecem das mesmas disputas políticas, em termos de suas análises à luz do Círculo das Matrizes Epistêmicas e possibilidades de avanços teórico-conceituais e, também, empírico-pragmáticos.

Artigo submetido para avaliação em 30/06/2021 e aceito para publicação em 02/05/2022

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. (1996). *Textos escolhidos*. São Paulo, SP: Nova Cultural.
- Akin, G., & Larrie, D. L. (1988). The Meaning of Working by MOW International Research Team. *Administrative Science Quarterly*, 33(4), 648-651. <https://doi.org/10.2307/2392656>
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo Editorial.
- Antunes, R. (2006). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo, SP: Cortez.
- Antunes, R., & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação & Sociedade*, 25(87), 335-351. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>
- Ardichvili, A., & Kuchinke, K. P. (2009). International perspectives on the meanings of work and working current research and theory. *Advances in Developing Human Resources*, 11 (2), 155-167. <https://doi.org/10.1177/1523422309333494>
- Barleta, M. C. F., & Nogueira, A. J. F. M. (2020, outubro). Um estudo sobre os sentidos do trabalho na uberização em São José dos Campos. *Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Online, Brasil, 44.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life*. Routledge.

- Costa, S. D. M., Marques, E. M. I., & Ferreira, A. C. C. (2020). Entre os sentidos do trabalho, prazer e sofrimento: um estudo baseado na perspectiva de jovens trabalhadores-estudantes. *Revista Gestão Organizacional*, 13(1), 64-85. <https://doi.org/10.22277/rgo.v13i1.4802>
- Della Fonte, S. S. (2014). A formação humana em debate. *Educação & Sociedade*, 35(127), 379-395. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000200003>
- Ferraz, D. L. S., & Fernandes, P. C. M. (2020). Desvendando os sentidos do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 22(2), 165-184. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p165-184>
- Fortes, R. V. (2016). As três determinações fundamentais da análise Lukacsiana do trabalho: modelo das formas superiores, prioridade ontológica e abstração isoladora. Crítica da ideia da centralidade do trabalho em Lukács. *Revista Verinotio*, 22, 44-75.
- Garcia, I. S., & Moreira, E. R. (2020). A categoria trabalho em Lukács segundo a dialética marxista. *Revista Direito e Práxis*, 11(2), 854-879. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2019/47652>
- Góes, K. R., & Souza, M. S. A. (2015). Precarização do trabalho: um modo sócio-histórico da precariedade. *Interface — Revista do Centro de Ciências Sociais Aplicadas*, 12(1), 139-155.
- Habermas, J. (2014). Conhecimento e interesse. In: *Técnica e ciência como “ideologia”* (p. 177-201). São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Hackman, J. R., & Lawler, E. E. (1971). Employee reactions to job characteristics. *Journal of Applied Psychology*, 55(3), 259-286. <https://doi.org/10.1037/h0031152>
- Hackman, J. R., & Oldham, G. R. (1975). Development of the job diagnostic survey. *Journal of Applied Psychology*, 60(2), 159-170. <https://doi.org/10.1037/h0076546>
- Hassard, J. (1991). Multiple paradigms and organizational analysis: A case study. *Organization Studies*, 12(2), 275-299. <https://doi.org/10.1177/017084069101200206>
- Lepisto, D. A., & Pratt, M. G. (2017). Meaningful work as realization and justification: toward a dual conceptualization. *Organizational Psychology Review*, 7(2), 99-121. <https://doi.org/10.1177/2041386616630039>
- Martela, F., & Pessi, A. B. (2018). Significant Work Is About Self-Realization and Broader Purpose: Defining the Key Dimensions of Meaningful Work. *Frontiers in Psychology*, 9, 363. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00363>
- Marx, K. (2013). *O capital: crítica à economia política*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50(4), 370-396. <https://doi.org/10.1037/h0054346>
- Maslow, A. H. (1989). A theory of human motivation. *Readings in Managerial Psychology*, 20, 20-35.
- Mayo, E. (1959). *Problemas humanos de una civilización industrial*. Buenos Aires: Galatea.
- Mello, S. C. B., Marçal, M. C. C., & Fonsêca, F. R. B. (2009). Os sentidos do trabalho precarizado na Metrópolis: fato e ficção! *Organizações & Sociedade*, 16(49), 307-323. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302009000200006>
- Morin, E. M. (1997). Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. *Revue Psychologie du Travail et des Organisations*, 3(2/3), 26-45.
- Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 8-19. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- Morin, E. M. (2002). Os sentidos do trabalho. *GV-executivo*, 1(1), 71-75. <https://doi.org/10.12660/gvexec.v1n1.2002.34764>

Morin, E. M. (2008). Sens du travail, santé mentale au travail et engagement organisationnel. *Cahier de recherche* n. 099-193. Montreal, Canadá: École des Hautes Études Commerciales.

Müller, M., Huber, C., & Messner, M. (2019). Meaningful work at a distance: a case study in a hospital. *European Management Journal*, 37(6), 719-729. <https://doi.org/10.1016/j.emj.2019.03.008>

Nogueira, A. J. F. M., & Favoreto, R. L. (2017). Teoria do conhecimento e estudos organizacionais: para além de um único caminho. *Teoria e Prática em Administração (TPA)*, 7(2), 237-240. <https://doi.org/10.21714/2238-104X2017v7i2-37244>

Paes de Paula, A. P. (2015). *Repensando os estudos organizacionais: por uma nova teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Paes de Paula, A. P. (2016). Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. *Cadernos EBAPE.BR*, 14(1), 24-46. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395131419>

Rodrigues, A. L., Barrichello, A., & Morin, E. (2016). Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: Um estudo multimétodos. *Revista de Administração de Empresas*, 56(2), 192-208. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020160206>

Rodrigues, A. L., Barrichello, A., Irigaray, H. A. R., Soares, D. R., & Morin, E. (2017). O trabalho e seus sentidos: um estudo com peritos criminais da Polícia Federal. *Revista de Administração Pública*, 51(6), 1058-1084. <https://doi.org/10.1590/0034-7612159318>

Rohm, R. H. D., & Lopes, N. F. (2015). O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. *Cadernos EBAPE.BR*, 13 (2), 332-345. <https://doi.org/10.1590/1679-395117179>

Rosso, B. D., Dekas, K. H., & Wrzesniewski, A. (2010). On the meaning of work: a theoretical integration and review. *Research in Organizational Behavior*, 30, 91-127. <http://dx.doi.org/10.1016/j.riob.2010.09.0014>

Sennet, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record

Spinelli-de-Sá, J. G. (2020, outubro). Os sentidos do trabalho para mulheres atuantes na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. *Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Online, Brasil, 44.

Taylor, F. W. (2004). *Scientific management*. New York: Routledge.

Tossato, C. R. (2012). Incomensurabilidade, comparabilidade e objetividade. *SCIENTIAE studia*, 10(3), 489-504. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662012000300004>

Villas-Boas, A. A., & Morin, E. (2016). Sentido do trabalho e fatores de qualidade de vida no trabalho: a percepção de professores brasileiros e canadenses. *Revista Alcance*, 23(3), 272-292. <https://doi.org/alcance.v23n3.p272-292>